

## APRENDIZAGEM DA ALFAIATARIA NO BRASIL: TRANSFORMAÇÕES EM CURSO

### TAILORING LEARNING IN BRAZIL: TRANSFORMATIONS IN PROGRESS

## APRENDIZAJE DE LA SASTRERÍA EN BRASIL: TRANSFORMACIONES EN CURSO

**Juliana Barbosa**

Universidade Federal de Minas Gerais  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0003-3649-7437>

**Daisy Moreira Cunha**

Universidade Federal de Minas Gerais  
ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-0702-8132>

**Resumo:** Durante séculos a alfaiataria se manteve seguindo rígidas normas em seu processo de aprendizagem por meio da relação mestre-aprendiz, porém outros modos de ensinar a alfaiataria começam a se fortalecer. Alfaiates entenderam que existe na internet a possibilidade de ampliar o alcance, e promover o trabalho que até então era restrito aos espaços de seus ateliers. Vimos iniciar um movimento de divulgação de detalhes dos processos de confecção, por meio de vídeos rápidos, e em seguida, uma oferta importante de cursos de formação on-line, algo inusitado considerando uma área marcada pela discricção e pelo rigoroso sigilo do seu *modus operandis*. A comunicação a ser apresentada trata do recorte de um doutorado em curso, que busca compreender a dimensão do uso do audiovisual no processo da aprendizagem de um ofício tradicional e secular como a alfaiataria. O movimento de abertura e de compartilhamento dos saberes dos alfaiates, indicam que, mesmo que detalhes importantes os quais nos escapem pelas dificuldades inevitáveis do processo de registro do trabalho, ainda há um caminho a fazer com que a arte da alfaiataria tradicional no Brasil permaneça, mesmo que minimamente.

**Palavras-chave:** Alfaiataria. Ergologia. Saberes Tradicionais. Saberes Investidos. Audiovisual.

**Abstract:** For centuries, tailoring has followed strict rules in its learning process, through the master/apprentice relationship, but other ways of teaching tailoring are beginning to strengthen. Tailors understood that there is a possibility on the internet to expand their reach, and promote the work that until then was restricted to the spaces of their ateliers. We saw the start of a movement to disseminate details of the manufacturing processes, through quick videos, and then an important offer of on-line training courses, something unusual considering an area marked by discretion

and the strict secrecy of its *modus operandi*. The communication to be presented is a part of an ongoing doctorate, which seeks to understand the dimension of the use of audiovisual in the process of learning a traditional and secular craft such as tailoring. The movement of openness and sharing of the tailors' knowledge indicate that, even in important details that escape us due to the inevitable difficulties of the work registration process, there is still a way to make the art of traditional tailoring in Brazil remain, even minimally.

**Keywords:** Tailoring. Ergology. Traditional Knowledge. Invested Knowledge. Audiovisual.

**Resumen:** Durante siglos, la sastrería ha seguido reglas estrictas en su proceso de aprendizaje, a través de la relación maestro/aprendiz, a pesar de que otras formas de enseñar la sastrería están empezando a fortalecerse. Los sastres han comprendido que existe en internet la posibilidad de ampliación del alcance, y difusión del trabajo que hasta entonces estaba restringido a los espacios de sus talleres. Hemos asistido al inicio de un movimiento de divulgación de los detalles de los procesos de confección, a través de videos rápidos, y luego a una importante oferta de cursos de formación en línea, algo inusual en un ámbito marcado por la discreción y el estricto secreto de su *modus operandi*. La comunicación que se presentará es parte de una tesis doctoral en curso, que pretende comprender la dimensión del uso del audiovisual en el proceso de aprendizaje de un oficio tradicional y secular como es la sastrería. El movimiento de apertura y de compartir los conocimientos de los sastres indican que, incluso en detalles importantes que se nos escapan debido a las inevitables dificultades del proceso de registro del trabajo, todavía hay una manera de hacer que el arte de la sastrería tradicional en Brasil permanezca, aunque sea mínimamente.

**Palabras-clave:** Sastrería. Ergología. Conocimiento Tradicional. Conocimiento Invertido. Audiovisual

## INTRODUÇÃO

A alfaiataria artesanal e secular passa por um momento de transição muito importante nos últimos anos, principalmente em relação ao cenário brasileiro. São séculos de tradição no modo vestir que foram modificados, consequências de uma série de fatores, um deles, de cunho mercantil, quando consideramos a mudança no comportamento de consumo da sociedade, a partir da entrada de roupas seriadas e de fácil aquisição e a inserção maciça da calça jeans, tornando-se o item do vestuário mais popular do vestuário contemporâneo, o que colocou o costume<sup>1</sup> como uma

---

<sup>1</sup> Traje composto por duas peças: paletó e calça.

roupa formal, restrita a determinadas profissões que exigem a sobriedade que esse traje impõe ou mesmo eventos festivos, tais como formatura, casamento, entre outros, o que por consequência elevou seu custo.

Porém, no Brasil, a mais significativa dessas mudanças está relacionada ao modo de fazer e de aprender. Apesar da valorização expressiva desse traje, a continuidade do ofício está em situação delicada, pela falta de aprendizes nas oficinas e por consequência a não formação de uma nova geração de alfaiates.

Países tradicionais no ofício contam com academias de alfaiataria capazes de garantir a sua manutenção, ao contrário daqui, em que essas iniciativas se limitaram aos liceus de ofício do início do século passado não havendo hoje qualquer iniciativa institucional capaz de garantir a continuidade da profissão do alfaiate.

Sem vasto mercado consumidor configurando demanda e sem escolas de formação e aprendizes, as perspectivas de não preservação dos saberes dos alfaiates geram muita preocupação, pois os saberes produzidos pelos alfaiates brasileiros diferem dos alfaiates europeus uma vez que os nossos alfaiates renormalizaram vários dos processos, adequando a aplicação das técnicas aos tecidos leves, frescos, adequados ao nosso clima tropical. O saber investido desses alfaiates é um saber importante e que necessita urgentemente de registros, a fim de se tornar um saber constituído garantindo assim, a sua salvaguarda.

Com o advento das redes sociais, iniciativas importantes de compartilhamento começaram a surgir na Europa. Alfaiates jovens, começaram a compartilhar detalhes dos seus processos de produção, algo inusitado considerando a rigidez e a discrição com que esses alfaiates trabalham. Esse compartilhamento permitiu que as pessoas compreendessem a riqueza de detalhes que envolve a confecção de uma peça de alfaiataria, e por consequência, o seu valor. A partir daí outras iniciativas foram surgindo como workshops, oficinas, com o intuito de aprofundar em um acabamento específico, sempre amplamente divulgados

nas redes, sendo a principal delas, o *Instagram*, pertencente à Meta, um conglomerado estadunidense de tecnologia e de mídia social.

A pandemia da Sars-Cov 19 se instalou, e com ela o isolamento social a que todos fomos submetidos. O setor de ensino e de educação bruscamente se reinventou e se adaptou de maneira possível a este momento, não sendo diferente com o setor da alfaiataria.

Surpreendentemente, começou a surgir uma oferta importante de cursos on-line de alfaiataria, sendo o alfaiate irlandês, Rory Duffy, o pioneiro desta iniciativa, que lançou em setembro de 2020 o seu curso de confecção do paletó revelando os processos adotados na Savile Row<sup>2</sup>, tradicional endereço britânico e também considerada a meca da alfaiataria mundial. A partir de Rory Duffy, outros cursos começaram a surgir, e apesar das dificuldades de compreensão do idioma, uma vez que os vídeos por vezes não dispõem de tradução, nem legenda, a língua do fazer é perfeitamente assimilada.

Este artigo trará o relato de uma iniciativa já realizada a fim de se manter o ofício do alfaiate na cidade de Belo Horizonte – MG, por meio do resgate da figura do aprendiz, bem como, tratar dessa nova modalidade de ensino, por meio de videoaulas, e como este pode ser um caminho para ancorar o processo de aprendizagem da alfaiataria nacional, permitindo que ela resista com a formação de novos “atores”.

Será discutido também a utilização das videoaulas como um importante artefato pedagógico no ensino de disciplinas teórico-práticas como no caso da alfaiataria, uma breve explanação sobre suas potencialidades e seus limites será apresentado, resultado de uma experiência aplicada durante o Ensino Remoto Emergencial – ERE, e que também faz parte da investigação de um doutorado em curso.

---

<sup>2</sup> Savile Row é uma rua localizada em Londres, onde estão instaladas as principais casas de alfaiataria da Inglaterra, responsáveis pela confecção das roupas da família real britânica dentre outros importantes nomes.

E por fim, uma análise sobre as perspectivas de continuidade do ofício da alfaiataria no Brasil, e a formação de novos “atores” por meio da videoaula, artefato pedagógico capaz de romper com a tradição da aprendizagem do ofício e de inaugurar uma nova fase na busca da sua manutenção.

## O OFÍCIO SECULAR DA ALFAIATARIA BRASIL NO MUNDO

Para falar sobre as mudanças no processo da aprendizagem da alfaiataria no Brasil, é preciso antes, conhecer e compreender brevemente como o ofício se desenvolveu e se manteve ao passar do tempo, desde a Idade Média com as Guildas de Ofício até os nossos dias.

A alfaiataria possui uma tradição que diz respeito não apenas aos processos, mas também em relação a organização hierárquica dentro dos ateliers, representada na figura do mestre alfaiate, detentor dos saberes e também proprietário da oficina. Em uma alfaiataria tradicional, além desse alfaiate, trabalham oficiais<sup>3</sup> de acordo com suas especialidades: calceiro, coleiteiro, camiseiro, proveiro e acabador (responsáveis pela confecção do paletó), e não menos importante, o buteiro, alfaiate responsável pelos consertos (Pimenta, 2008).

É presente ainda nesse espaço, a figura do aprendiz, aqueles iniciados no ofício ainda criança, por volta dos 12 anos, e que assim se mantinham por um período aproximado de três anos, tempo o suficiente para que pudessem aprender os processos básicos, e então assumirem, a confecção de peças inteiras, começando pela calça e colete (Roche, 2007).

O domínio de todos os processos pelo aprendiz aspirante a alfaiate era determinado pelo seu mestre de acordo com a relação estabelecida entre eles: de parentesco, presumindo que esse aprendiz assumiria futuramente o

---

<sup>3</sup> Oficiais ou “jornaleiro” é o termo utilizado entre os alfaiates para nomear um alfaiate especialista e funcionário da oficina (Roche, 2007).

negócio da família; de contrato com os pais da criança, que lhe pagavam para ensinar e dar uma profissão ao filho; ou de uma relação laboral, formando uma mão de obra especializada para se manter em seu estabelecimento, porém, especializada não o suficiente, evitando que em um futuro próximo esse alfaiate treinado por ele viesse a se tornar um concorrente, como bem descreve Lave (2011) em pesquisa realizada com alfaiates na Libéria no final da década de 70 e que traduzem as relações dos alfaiates, independentemente de seu local de origem.

6

Nenhum dos alfaiates era próspero o suficiente para assumir dois novos aprendizes ao mesmo tempo. Os alfaiates treinavam uma média de dez aprendizes durante toda a sua carreira, com média de um aprendiz treinado para cada cinco anos de experiência. Os mestres Alfaiates, estavam em seu próprio negócio treinando seus futuros competidores, e na verdade eles temiam que houvesse muitos alfaiates "nesses dias" e não existisse clientes o suficiente para todos ao redor. (LAVE, 2011, p.45).

Toda essa dinâmica, estabelecida em uma alfaiataria, levava os alfaiates a manter seus saberes restritos ao espaço do seu atelier, saberes considerados na ergologia como investidos, saberes do sujeito que foram produzidos na prática do dia a dia, e que, sem qualquer tipo de registro, permaneceram desta maneira por várias gerações que se seguiram.

Essas oficinas de alfaiataria foram as responsáveis por formar diversas gerações de artesãos no Brasil e no mundo, sendo os alfaiates em atividade no país hoje, a última geração desse processo de aprendizagem, diferente de outros países de tradição da alfaiataria como Itália e Inglaterra, e até mesmo países latino-americanos como Chile e México em que a figura do aprendiz ainda é presente.

Isto se dá pelas transformações sociais referente as leis trabalhistas estabelecidas desde o século passado e conseqüentemente, com as rigorosas exigências na contratação de menores aprendizes, modelos de contratação difíceis de serem incorporados pelos artesãos seja pela burocracia imposta e necessária, que visa respeitar a jornada escolar e o

bem estar do menor, seja pela condição de remuneração do aprendiz que difere da situação ao qual ele, o artesão iniciou no ofício. As entrevistas de história oral realizadas por Gil *et al.* (2012) junto aos alfaiates da cidade de Pelotas – RS relata essa situação,

Uma das questões mais candentes dessa problemática é a referente ao pagamento ou não do aprendiz durante o período de aprendizado. Se, antigamente, o aprendiz não recebia nenhum pagamento e seu trabalho era considerado uma troca pelo tempo gasto pelo mestre, no ensino do ofício, hoje em dia é necessária retribuição monetária ao aprendiz, e quando ele não é feita, dá lugar a reclamações trabalhistas. Contudo, percebe-se que, para os entrevistados, o ensino do ofício sem a perspectiva do pagamento de uma remuneração prevista em lei não era contestado, pois julgavam imprescindível o aprendizado da arte da confecção para, em um momento posterior, abrirem os seus próprios estabelecimentos comerciais. Destacam, em seus relatos, que o significativo número de reclamações trabalhistas movidas por aprendizes seria o principal motivo para o desinteresse dos alfaiates em perpetuar o ensino do ofício e, neste sentido, atribuem as próprias leis trabalhistas, parte da responsabilidade pela extinção do ofício (GIL *et al.*, 2012, p.9).

7

Em um modelo tradicional, o aprendiz não recebia qualquer tipo de remuneração nos anos iniciais, o pagamento de acordo com os alfaiates, era o conhecimento que eles recebiam do mestre e que tinha muito valor, afinal a entrada em uma alfaiataria, era a promessa de um futuro promissor, um ofício desejado por ser “limpo” e “leve”, além de bem remunerado, considerando-se um período em que a totalidade dos homens se vestia com um alfaiate. A fala do alfaiate José Fernando (Vasconcellos *et al.*, 2010, pag.3) ilustra bem essa cultura, segundo ele “a pessoa aprendendo (o ofício) já é uma grande coisa; aprende (e) depois vai seguir o caminho dele, porque comigo foi assim”.

Cada aprendiz iniciado no ofício aprendia o modo de fazer de seu mestre, mas também o modificava de acordo com sua experiência, desenvolvendo e incorporando novos processos. Segundo Trinquet, esses saberes são:

O resultado da história individual de cada um, sempre singular, ou seja, adquirida da própria experiência profissional e de outras experiências (social, familiar, cultural, esportiva, etc.) e que remete a valores, à educação, em resumo, à própria personalidade de cada um (TRINQUET, 2010, pág. 100).

Pode-se dizer que no espaço de uma alfaiataria circulam apenas saberes investidos, uma vez que poucos são os registros dessa atividade, e mesmo esses escassos registros, estão muito distantes de contemplar toda a complexidade e a riqueza dos gestos e processos presentes na atividade do trabalho do alfaiate.

8

### **UMA TENTATIVA ISOLADA NO RESGATE DA FIGURA DO APRENDIZ**

Em se tratando do cenário da alfaiataria brasileira, a falta de um saber constituído por meio de registros literários, a ausência de cursos na área e principalmente, a ausência dos aprendizes nas oficinas, enuncia um futuro nada favorável ao setor, apesar da crescente valorização e da busca por esse traje, customizado e sob medida.

Pensando em iniciativas que resgatassem a figura do aprendiz, em 2013 o Projeto intitulado “Preservação dos saberes tradicionais do Alfaiate em Belo Horizonte e Região Metropolitana” obteve junto ao Sindicato do Vestuário de Minas Gerais (SINDIVEST-MG), a concessão de cinco bolsas de estudo para cinco estudantes vinculados à universidade, para ingressarem como aprendizes em cinco alfaiatarias locais.

Vale ressaltar a dificuldade de implementar essa ação, não só pela questão do apoio financeiro, mas, principalmente, pela desconfiança dos alfaiates, que até então não admitiam qualquer aprendiz pelo receio de um processo trabalhista<sup>4</sup>. Com muito diálogo e a garantia de que não sofreriam algum tipo de processo trabalhista por parte dos alunos, uma vez que todos

---

<sup>4</sup> Reclamações trabalhistas datadas a partir da década de 1930 (Gil et al., 2012) deu início a um movimento que se alastrou por todo o país, inibindo a entrada de aprendizes nos seus estabelecimentos, mantendo restrito apenas a um familiar direto, isso claro, quando havia o desejo por parte do filho em dar continuidade ao negócio da família.



eram vinculados a Universidade e receberiam bolsas de estudo concedidas pelo Sindicato, o projeto teve início e se desenvolveu pelo período de um ano.

Os resultados foram muito animadores de acordo com as relações estabelecidas entre os aprendizes e os seus mestres, porém se mostrou insuficiente, mesmo que localmente. Seria necessário garantir que cada alfaiate em atividade recebesse um aprendiz, o que naquele momento já se mostrava viável, pois outros alfaiates, ao tomarem conhecimento do projeto e os termos em que acontecia, interessaram e solicitaram também um aprendiz.

No entanto, após um ano de trabalho, o projeto foi encerrado. A descontinuidade das bolsas concedidas pelo Sindicato foi o principal fator para que o projeto não continuasse, que à época, buscou apoio na Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) para que assumisse a continuidade do repasse de verbas e que mantivesse o posto dos aprendizes, no entanto, por não ser percebido como relevante e de grande impacto para a indústria do vestuário, infelizmente não se concretizou.

Dado o fim do projeto com a atuação dos alunos bolsistas em alfaiatarias locais, iniciou-se outra fase, a partir da continuidade do grupo de estudos na Universidade, tentando dar andamento ao processo de aprendizado iniciado nas alfaiatarias.

Simultaneamente, ainda naquele período, um outro movimento de valorização dos ofícios artesanais começou a se destacar. Vídeos institucionais de casas tradicionais da alta costura francesa inauguraram uma nova linguagem de comunicação e de promoção dos ofícios seculares, tão importantes quanto a alfaiataria. Vídeos em que os processos artesanais de roupas e de acessórios foram revelados em detalhes<sup>5</sup> no intuito

---

<sup>5</sup> Christian Dior Haute Couture Spring/Summer 2011 | Making Of | HD, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=u\\_RC9Cxjqig&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=u_RC9Cxjqig&t=3s). Acesso em 13.agosto 2022.

de trazer para o senso comum o que difere a *haute couture*<sup>6</sup> dos artigos prêt-à-porter<sup>7</sup>, mostrando a elaboração e execução dos bordados luxuosos que ornamentam os vestidos apresentados nos desfiles, o trabalho de um *plisseur*<sup>8</sup>, e suas saias plissadas nas mais diversas formas e desenhos, a confecção manual de carteiras, bolsas, sapatos e também, das roupas de alfaiataria.

No ano seguinte, em 2014, no mesmo movimento, o jovem alfaiate irlandês, Rory Duffy, apresenta em uma série de 26 vídeos gratuitos<sup>9</sup> em uma demonstração do fazer de um paletó, revelando parte dos processos da confecção dentro da tradição da Savile Row.

Essa série foi um divisor de águas no universo da alfaiataria, e possivelmente algo que ocorreu em decorrência da transferência de Rory da Inglaterra para o EUA, onde atuou como professor no programa de Moda Masculina BFA da Faculdade Parsons em Nova York além de outros programas sociais a convite da primeira dama à época, Michele Obama. De certa forma, os vídeos produzidos e compartilhados por ele em 2014 foram os primeiros exemplos das aulas on-line que estariam por vir. Posteriormente Rory retorna ao seu país de origem, a Irlanda, e inaugura uma escola de Alfaiataria presencial.

Assim como Rory, outros jovens alfaiates de países tradicionais europeus como Itália, Espanha, Inglaterra e até mesmo países latino-americanos como México, antenados com os movimentos das redes sociais, viram na internet uma possibilidade de ampliar o alcance, e de promover o trabalho que até então era restrito aos espaços de seus ateliers. Esses jovens

---

<sup>6</sup> A expressão *haute couture* ou alta costura em português é registrada e protegida pela Federação da Alta Costura e da Moda (Chambre Syndicale de la Haute Couture), e só pode ser usado por casas que receberam essa designação pelo Ministro da Indústria na França.

<sup>7</sup> Termo empregado pela indústria do vestuário que se refere à roupa “pronta para vestir”.

<sup>8</sup> Artesão responsável por criar padrões de plissados, pregas muito finas em diversos formatos que apresentam um relevo particular, dando ao tecido um aspecto de obra de arte têxtil.

<sup>9</sup> Rory Duffy | Canal YouTube, playlist: The Making of a Coat Series, disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL6wdXAvg4DOEngOR93SkkVK8Tb0AvmwJv>. Acesso em 13 agosto 2022.

alfaiates começaram a compartilhar detalhes de suas práticas por meio de imagens e de vídeos rápidos, oferecendo “pistas” de seus métodos, sendo o Instagram a principal rede de compartilhamento.

A pandemia da Sars-Cov 19 se instalou, e com ela o isolamento social. Após alguns meses de ensino remoto, resultado da introdução de tecnologias do audiovisual na educação, vimos acontecer uma profusão de cursos on-line nos diversos segmentos, não sendo diferente com a Alfaiataria.

Começando pelo próprio Rory Duffy, que, impossibilitado de ofertar suas aulas presenciais, lançou então, em setembro de 2020, seu curso on-line *The Making of a Savile Row Coat*<sup>10</sup>, sendo o pioneiro nessa iniciativa no segmento da alfaiataria. Seu curso apresenta uma série de 73 vídeos, perfazendo um total de 23'42'' de gravações em que contempla todo o processo de construção de um paletó masculino. Rory fechou o ano de 2021 com a oferta de mais outros três cursos: calça, colete e paletó feminino.

## O USO DO AUDIOVISUAL COMO UM ARTEFATO PEDAGÓGICO

A introdução do audiovisual no processo de aprendizagem de um ofício secular, tão restrito como é a alfaiataria tradicional, pode ser um caminho para cercear a complexidade dos gestos, dos movimentos incorporados na atividade de trabalho do sujeito alfaiate (Christensen et al, 2013).

Porém, retornando ao cenário da alfaiataria no Brasil, percebemos que esse movimento de compartilhamento ainda não se faz presente, possivelmente pela avançada idade dos alfaiates em atividade e pela ainda mentalidade de manter a sete chaves todo o conhecimento adquirido ao longo de uma vida.

Lamenta-se essa ausência de registro dos saberes investidos dos alfaiates brasileiros, pois as habilidades dos nossos alfaiates diferem dos

---

<sup>10</sup> The Making of a Savile Row Coat (The Complete Series) disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/thehta>, acesso em 13 agosto 2022.

tradicionais alfaiates europeus principalmente em função do tipo de tecido empregado. A lã empregada nesses países de clima predominante frio é uma lã mais grossa, adequada para a temperatura local, com características que facilitam enormemente o processo de confecção das peças.

Já no Brasil, os tecidos empregados tem a mesma qualidade das lãs utilizadas pelos seus pares, porém são mais leves, adaptadas ao clima tropical. Daí o nome dessas lãs ser de acordo com a sua gramatura: *Tropical Super120*, *Tropical Super180*, *Tropical Super 220*. As técnicas para se trabalhar com esses tecidos, extremamente finos, diferem das técnicas utilizadas na alfaiataria tradicional europeia, sem perder a excelência do produto final.

Outro ponto diz respeito a oferta de aviamentos tais como as entretelas e as linhas de seda para casear. Artigos importados, onerosos que já não são encontrados nos armários comuns, fazendo com que os alfaiates busquem alternativas para realizar o trabalho com a mesma excelência de quando empregavam os aviamentos adequados para tal, porém não sem algum pesar advindo dessa mudança. São as dramáticas vivenciadas pelos alfaiates na busca de renormalizar processos tradicionais, promovendo uma criação permanente de novos saberes, além da mobilização daqueles já existentes (Barbosa, 2015). Assim a necessidade de se buscar alternativas para tornar os saberes investidos dos nossos alfaiates em saberes constituídos, preservando e perpetuando um conhecimento tão arduamente desenvolvido pelos nossos artesãos.

Diante dessa situação, mais uma iniciativa surgiu como desdobramento das aulas produzidas no Ensino Remoto Emergencial - ERE, na tentativa de registrar os saberes compilados ao longo dos anos nos projetos de extensão e nos grupos de estudo. A iniciativa surgiu também como um método experimental, para se compreender qual a potencialidade, os limites e os desafios de se registrar a atividade do

trabalho do alfaiate por meio do audiovisual, objeto de investigação de um doutorado em curso.

Até o momento, foram produzidas videoaulas com o conteúdo apreendido com os alfaiates, sem a presença dos artesãos. Conteúdos utilizados durante o ERE que continuam sendo utilizados após o retorno as atividades presenciais e que também estão vinculados ao Projeto de extensão “Preservação dos saberes tradicionais do alfaiate em Belo Horizonte e Região Metropolitana” de maneira pública, aberta a toda comunidade externa da Universidade<sup>11</sup>.

Essa iniciativa revelou uma série de desafios com relação a parte técnica do processo, considerando a enorme gama de competências e de habilidades necessárias para se conceber uma videoaula como um artefato pedagógico. Mas também trouxe resultados muito animadores, por se constatar o alto nível de compreensão do trabalho proposto na qualidade dos produtos finais apresentados, o que comprova que essa modalidade de registro dos saberes desses artesãos se faz urgente e necessária.

Em se tratando do alfaiate, a ideia de registrar sua atividade de trabalho no seu ambiente, torna-se um grande desafio, pois o equipamento necessário para a adequada captação de imagem e som não é compatível com seu ambiente de trabalho, espaço normalmente pequeno, escuro, seguindo a gama de tonalidades dos tecidos com os quais trabalham, fazendo com que detalhes importantes nos escapam pelas dificuldades inevitáveis do processo de registro do trabalho.

Retirar o alfaiate de seu local de trabalho, para um cenário preparado com essa finalidade, é criar algo fictício e inautêntico. A riqueza do trabalho desse artesão está no seu espaço, no uso da sua máquina, do seu instrumental, das suas ferramentas, com o seu modo e a sua maneira de trabalhar. A necessidade de repetição de uma cena, tomando takes de

---

<sup>11</sup> Canal YouTube: Juliana Winck | Clube da Alfaiataria. Disponível em [https://www.youtube.com/channel/UCW-a0dhQUrY3kFvDPu4a4\\_w](https://www.youtube.com/channel/UCW-a0dhQUrY3kFvDPu4a4_w). Acesso em 16.08.2022.

diversos ângulos, o que por vezes pode se tornar um trabalho cansativo, e que também é um desafio para estes senhores.

O desafio de se registrar os saberes de um alfaiate sênior, não afeito às mudanças tecnológicas pela qual estamos vivendo, é percebido como algo normal e corriqueiro para as novas gerações letradas digitalmente. Talvez tenhamos que reconhecer que não cabe a esses senhores alfaiates, ainda em atividade no Brasil esse papel, esta preocupação de perpetuar o ofício, considerando que muitos deles já estão cansados, desinteressados do que possa ocorrer em um futuro próximo, face a uma luta diária de sobrevivência, a maioria deles com baixa remuneração, submetidos a relações de trabalho exploratórias, sem reconhecimento financeiro nem mesmo profissional, aspecto importante a ser discutido em outro artigo.

Essa é uma responsabilidade que deve ser assumida por nós, pesquisadores atores, com o compromisso de apreender e de incorporar esses saberes às nossas práticas, garantindo minimamente a permanência do ofício.

## **UMA NOVA PERSPECTIVA**

Os resultados até aqui apreendidos com a abertura pública do conteúdo desenvolvido para o ERE e a continuidade do seu uso mesmo no retorno às aulas presenciais, tem sido bastante animador.

Fazer uso dessas videoaulas como complemento ao conteúdo programático, está permitido que temáticas, as quais antes não eram abordadas, sejam agora apresentadas e ainda aprofundadas, pois, uma vez que parte importante do conteúdo está sendo ancorado e contemplado por meio desse material, acessadas a qualquer espaço e tempo pelo aluno, há também a possibilidade de que o professor tenha maior liberdade para avançar em diversos outros temas que antes eram apresentados e desenvolvidos apenas em sala de aula, sob sua supervisão.

O alcance e a resposta obtida por meio de comentários e de depoimentos nos vídeos compartilhados pela comunidade externa à Universidade, também demonstram que por mais complexos que sejam os processos referentes ao fazer do alfaiate, quando registrados corretamente e minuciosamente apresentados, são capazes de fornecer todo o arcabouço necessário para que o sujeito compreenda e execute aquela tarefa, independente da presença de um mestre alfaiate ou de um professor.

Desta maneira, o movimento de abertura e de compartilhamento dos saberes dos alfaiates europeus e também latino-americanos, apesar da eventual dificuldade de compreensão do idioma, e mesmo que apresentando técnicas e procedimentos distintos daqueles praticados no Brasil, indicam que, ainda há um caminho, uma maneira de fazer com que a arte da alfaiataria tradicional no Brasil permaneça, mesmo que minimamente.

São videoaulas que preenchem uma lacuna importante dos registros dos saberes, aqueles que não se definem em textos e em imagens estáticas, e sim, por meio da voz e da imagem em movimento, se colocando mais próximas do indivíduo.

Ter acesso a todo esse conteúdo produzido por essa geração de jovens alfaiates, nos dá o alento e a possibilidade de acreditar que novos desdobramentos virão a partir de então, e que a manutenção da alfaiataria tradicional artesanal no Brasil poderá acontecer de fato.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Juliana. **Preservação dos saberes tradicionais do alfaiate**. Orientadora: Eloisa Helena Santos. 2015. 278f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Profissional: Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Centro Universitário UNA, 2015.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER Heather Staker. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. São Francisco: Clayton Christensen Institute, 2013.

GIL, Lorena Almeida; LONER, Ana; VASCONCELLOS, Marciele Agosta. **Rastros, relatos, memórias: os processos trabalhistas e as fontes orais na pesquisa histórica.** Revista Latino-Americana de História Vol. 1, nº. 3; Edição Especial – Lugares da História do Trabalho, 2012.

LAVE, Jean. **Apprenticeship in Critical Ethnographic Practice.** Chicago: The University Chicago Press, 2011.

META. **Informações sobre a empresa.** Disponível em: <https://about.facebook.com/br/company-info/>. Acesso em: 05 set. 2022.

MORAN, M. J. **Desafios da televisão e do vídeo à escola. Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de Hoje.** no dia 25 agosto, 2002. Acesso em 09/01/22. <https://bit.ly/3hEPbS4>

PIMENTA, Marta Eugênia Fontenele. **Memórias de alfaiates: Significados de vida e trabalho.** Orientador: Margareth Brandini Park. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP: Campinas, 2008

ROCHE, Daniel (2007). **A Cultura das Aparências.** São Paulo: Editora Senac, 2007.

RORY DUFFY. **Handcraft Tailor.** Disponível em: <https://www.roryduffy.com/> Acesso em 16 de agosto de 2022.

VASCONCELLOS, Marciele; GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. **Ofícios à beira da extinção: o caso dos alfaiates na cidade de Pelotas.** XIX CIC, XII ENPOS, II Mostra Científica: UFPel, Pelotas, 2010.

Savile Row. **Savile Row Academy of Tailoring.** Disponível em: <https://savilerowacademy.co.uk/about>. Acesso em 18.02.2022

TRINQUET, Pierre. Artigo: **Trabalho e Educação: o método ergológico.** Campinas, 2010.